

■ DORA KRAMER

Panorama visto do Tejo

A política tem graça justamente porque muda de acordo com o ângulo de que se olha. Um exemplo concreto: semana passada o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen viajou para Portugal mandando avisar que do ponto de vista dele e de seu partido, estava tudo resolvido no que dizia respeito à sucessão de Antonio Carlos Magalhães na presidência do Senado.

José Sarney era, para Bornhausen, não apenas o candidato ideal, mas aquele que seria de fato ungido ao cargo.

Pois a mesma cena, passados uns dias, pode ser vista por outra perspectiva e proporcionar uma imagem totalmente diferente: Jorge Bornhausen continua em Portugal, e não viajou porque considerasse o assunto encerrado. Na verdade, foi-se embora, porque resolveu deixar para ACM a resolução de um problema que ele mesmo criou.

A fim de não dividir o partido, aceitou dar o apoio que Antonio Carlos exigia para Sarney. Mas, a partir daí, como quem sabe que nada mais tem a fazer, partiu deixando a ACM a tarefa de embalar Mateus.

Não tivesse praticamente dito ao presidente do Senado "toma que o filho é teu", Bornhausen como presidente do PFL precisaria, no mínimo, estar agora cuidando de perto da candidatura de Inocêncio Oliveira à presidência da Câmara.

Pode ser só uma impressão, mas está parecendo que Jorge Bornhausen, ante a impossibilidade de enquadrar Antonio Carlos, resolveu deixar que ele assuma, o que vier a resultar do veto a Jader Barbalho no Senado, os ônus e os bônus. Quer dizer, se o PFL ficar sem nada no Parlamento, a fatura a ser paga será de ACM.

Nesse caso, Antonio Carlos precisa agora mais do que nunca que José Sarney se apresente mesmo à disputa. Se o ex-presidente da República não mudar a decisão de não pleitear a candidatura dentro do partido, o senador terá de arrumar outro candidato que tope a parada, dentro ou fora do PMDB.

Sarney continua querendo ser presidente do Senado, mas só aceita se o for por gravidade, naturalmente e por unanimidade. Mas como Jader Barbalho está inamovível em seu propósito, é difícil que José Sarney consiga isso sem brigas, como gosta, e Antonio Carlos detesta.

Sossega leão

O comando do PMDB precisou ser de circo, na quarta-feira, para evitar que o senador Jader Barbalho fosse à tribuna do Senado. Jader estava disposto – como de resto ainda está – a queimar mesmo as últimas caravelas na briga com Antonio Carlos Magalhães.

Ninguém sabia o que Jader iria falar até que um deputado soube por um assessor que o senador estava pretendendo subir à tribuna naquela tarde. Imediatamente, reuniu-se o alto comando – ministros, líderes e o presidente da Câmara – e correram todos para a casa de Jader Barbalho.

Lá, tiveram a confirmação do que já desconfiavam. Jader queria, porque queria, dizer todas e mais algumas para ACM, incluindo várias de ordem pessoal. Para devolver insinuações na mesma seara, que Jader está convencido de que vêm sendo espalhadas por Antonio Carlos, Brasília afora.

Pelo que se sabe, terminaria sobrando até para o presidente Fernando Henrique.

Na avaliação da direção pemedebista, tudo o que Antonio Carlos quer agora é que Jader Barbalho perca a cabeça e tenha algum gesto tresloucado que, por si só, o impeça de concorrer à presidência do Senado. Daqui até o dia da eleição, pelo jeito, os companheiros de partido terão trabalho permanente.

Há quem confirme que, se dependesse dele, Jader iria à tribuna todos os dias anarquizar com a reputação de ACM.